



Viagem de Gandhi de Diálogo e Descoberta

Lazar Simeonov



Rajmohan Gandhi com Dr. Barghouthi em Hebron

Professor Rajmohan Gandhi, presidente de IdeM Internacional, e sua esposa Usha, estão nos últimos 5 meses em uma “viagem de diálogo e de descoberta” a 14 países, acompanhados por uma delegação em sua maioria jovens de IdeM da Austrália, Líbano, México, Reino Unido e EUA. “Diante de enorme desafios ambientais, econômicos e sociais, como todos podemos começar a abordar as divisões para conseguirmos respostas eficazes?”, disse o professor Gandhi, “podemos encontrar o tempo, energia e humildade necessários para construir confiança em meio às divisões em torno de nós? Não temos respostas simples, mas sim esperança por um diálogo honesto e vontade de colaboração”.

Sua primeira visita foi à Indonésia, com a maior população muçulmana do mundo. Neto do Mahatma, Gandhi reconheceu que a relação entre muçulmanos e hindus era de especial interesse para ele. Falando na Escola Memorial Gandhi, recordou a experiência de encontros multirreligiosos para oração quando Mahatma era um menino. Em reuniões com representantes da Nahdlatul Ulama e Muhammadiyah, o país com as 2 maiores organizações muçulmanas (com 60 milhões de membros entre eles) e entrevistas em 2 dos principais jornais, Gandhi enfatizou a importância de escutar verdadeiramente - tanto uns com outros como em reflexão silenciosa alinhada à uma sabedoria mais profunda. As causas da injustiça, da divisão e do conflito, disse ele, são o “rolo compressor da ganância”, junto com “medo e ódio”. O importante era “a determinação de lutar contra essas coisas dentro de nós mesmos”.

África do Sul, o próximo porto, também foi “muito especial para mim”, disse Gandhi entrevistado no S.A. Sunday Times, “uma vez que foi aqui que meu avô teve as experiências - a reflexão, a leitura, as discussões - que o ajudaram a formar sua filosofia”. O grupo teve tempo para ouvir e aprender com o rico passado do país - uma história de divisões, exploração e sofrimento, mas também de grande coragem, paciência e heroísmo. Gandhi notou que, embora as pessoas possam “deixar de ser separadas por lei, são ainda muitas vezes separadas

por localidade, circunstância e medo”. Dirigindo-se à Universidade da Cidade do Cabo, ele disse que “mais frequentemente do que se pensa, a culpa pelos problemas do mundo é atribuída a um grupo ou outro, como acontece com os muçulmanos ao redor do mundo”. No entanto, ele argumentou, “não há isso de um grupo de pessoas falhas. Em vez disso, é o ódio, o medo e a ganância que dividem as pessoas. Apenas uma “coalizão de consciências” e uma “profunda ligação” poderia superar essas divisões.

A chave para tudo isso é a liderança. Nas universidades, escolas e as novas “Academias de Liderança da África”, cuja missão é “transformar a África em um continente pacífico e próspero, desenvolvendo e apoiando seus futuros líderes”, Gandhi desafiou o público a se

perguntar honestamente, “quem é meu povo?” e “lembrar que os milhões de outros jovens africanos que não estão aqui são tão importantes quanto você”. Relacionado a isso foi feita a pergunta pelo Bispo Dandala em uma reunião com o grupo de Gandhi: “como permanecer incorruptível, uma vez que temos o poder de não ser?” Dandala, que é líder parlamentar do congresso pelo Partido Popular, está convencido de que “não podemos ignorar o papel central da moralidade na construção da nação”.

Visitas a algumas das maiores favelas do mundo em torno de Nairobi (Quênia) e do Cairo (Egito) sublinharam as enormes divisões econômicas, enquanto que 42 diferentes grupos étnicos do Quênia e a história de um conflito tribal mostrou um outro nível de divisão. Como em outros países, a equipe de IdeM local está trabalhando para construir pontes de confiança. Ann Njeri, uma jovem queniana da tribo Kikuyu falou de sua jornada pessoal de reconciliação, começando por reconhecer a amargura que ela nutria em relação a Kalenjins e pedir desculpas. Visitas às suas comunidades e convite a Kalenjins para sua casa de família acalorou as amizades. Em Eldoret,



Gandhis encontram-se com o Vice-Presidente do Quênia Sr. Kalonzo Musyoka (centro) e tiveram um encontro anterior com o Primeiro Ministro Raila Odinga.

epicentro da violência pós-eleitoral, Imame Ashafa e Pastor James Wuye trouxeram o seu processo de construção da paz da Nigéria, organizado por IdeM.

Na Palestina, as divisões se manifestam em vastos muros e cercas. Dr. Barghouthi, um candidato ao Prêmio Nobel da Paz que lidera o Iniciativa Nacional Palestina, deu aos Gandhis uma excursão a Cisjordânia para ver o impacto dos assentamentos israelenses sobre a população local. “Os assentamentos, muros e estradas divisórias parecem maiores e mais opressivas do que eu imaginava”, disse Gandhi à uma conferência de imprensa no dia seguinte. No entanto, “o leque de atividades não-violentas da Palestina contra a ocupação também é maior e mais rico em criatividade do que eu imaginava”. O crescente movimento palestino de resistência não-violenta foi o tema principal de artigos do The New York Times e das notícias on-line da BBC, os quais relataram sobre a visita de Gandhi. Nos discursos,

Gandhi voltou várias vezes ao tema da justiça. “Eu torno-me menor em meus próprios olhos se eu não lutar por justiça. Também vou conhecer meu criador um dia, que vai querer saber se levantei minha voz por justiça ou não. “Reconhecendo o senso de justiça inerente aos judeus, Gandhi pediu um estímulo de consciência do judaísmo, e prestou homenagem aos “muitos em Israel e nos muitos americanos de origem judaica que lutam pelos direitos dos palestinos”. Em encontro com o presidente Shimon Peres em sua casa em Jerusalém, o professor Gandhi lhe disse: “A recuperação após o Holocausto do povo judeu é um dos mais nobres e agitados capítulos na história da humanidade. Eu rezo para outro capítulo desta história, um capítulo onde a justiça seja dada aos palestinos”.

O tour de Gandhi continuou pela Noruega, Romênia e Ucrânia. Para mais atualizações, consulte www.iofc.org/gandhi-tour

Últimas Notícias

Ferramentas para Transformação, Kuala Lumpur

A segunda reunião anual de Ferramentas para Transformação KL ocorreu em Março, organizado por PICCSO (Centro de Melhoria do Desempenho para Organizações da Sociedade Civil), um programa de IdeM Malásia. Os 80 participantes vieram de ONGs e equipes de IdeM na Malásia, Filipinas, Vietnã, Indonésia e Austrália. O programa variou de questões críticas do mundo até a apresentação em plenárias de iniciativas em Mindinao e no Nordeste da Índia; de reflexivas manhãs com momentos de silêncio a uma barulhenta noite de entretenimento. As tardes foram dedicadas a nove oficinas com treinamento de alta qualidade em áreas como “Valores básicos e os desafios da liderança em todas as culturas”.

Lançado livro sobre Construção de Confiança em Richmond

O governador Tim Kaine, que preside o Comitê Nacional Democrata nos EUA, lançou um livro sobre “Construção de Confiança: uma conversa honesta sobre raça, reconciliação e responsabilidade”, na Biblioteca da Virgínia, 15 de março. O

livro, escrito por Rob Corcoran, fundador do programa Esperança nas Cidades, de IdeM, conta como Richmond, uma cidade rigidamente dividida por uma história de escravidão e racismo, consegue facilitar o diálogo honesto e inclusivo e construção de parcerias diversas. Mais de 100 líderes da comunidade, incluindo representantes de empresas locais e do governo estadual, e organizações sem fins lucrativos, participaram do evento. “Esperança nas Cidades centra-se na ‘voz mansa e delicada’, não em abordagens altas e vistosas, nem sinais néon”, disse Kaine. “Ouvir é uma arte perdida neste mundo. Esperança nas Cidades está criando um espaço onde as pessoas podem falar”.



Governador Tim Kaine no lançamento do livro Construção de Confiança

CALENDÁRIO

BWEYOGERERE, UGANDA

1-4 Maio

Diálogo entre Agricultores do Leste Africano

NAKURU, QUÊNIA

12-16 Maio

Conferência “África, eu me importo”

SITIO SÃO LUIZ, BRASIL

28-30 Maio

Programa Jovens Transformando Vidas

CAUX, SUÍÇA

Conferências de Caux

Ver www.caux.ch/2010

2-7 Julho

Aprendendo a Viver num Mundo Multicultural

9-16 Julho

Fórum de Caux pela Segurança Humana

26 Julho - 2 Agosto

Todo Mundo Conta

4-10 Agosto

Levando a Mudança para um Mundo Sustentável

4-10 Agosto

Cursos de Treinamento de IdeM

12-17 Agosto

Confiança e Integridade na Economia Global

KUALA LUMPUR, MALAYSIA

28 Julho - 2 Agosto

Conferência Juvenil Ásia do Pacífico

PANCHGANI, INDIA

1 Novembro - 30 Março

Ação para a Vida 5

Karen Elliott Greisdorf

OLHAR GLOBAL é uma tradução do boletim bimensal GLOBAL UPDATE editado por IM Internacional. E-mail:

ia-secretariat@iofc.org. Incentivamos todos a fazer réplicas e distribuir em sua comunidade.

Por favor, envie seus comentários em inglês para globalupdate@iofc.org, ou em português para

iniciativademudanca@br.iofc.org



Construyendo la confianza en un mundo dividido



Wadiaa Khoury

GENTE PROMOVENDO CONFIANÇA

Recusando-se a serem transformados em monstros
 Poderiam 18 diferentes comunidades no Líbano encontrar uma história em comum para ensinar às futuras gerações? Uma educadora de jovens acredita que eles podem. Entrevistada por Carole Khakula e compilado por Mike Brown.

Fuoi durante uma visita a Robben Island, ilha onde Nelson Mandela esteve preso por 18 anos, que Wadiaa Khoury foi confrontada por suas reações enquanto libanesa. Estava na África do Sul como parte da equipe de Rajmohan Gandhi, presidente de IdeM Internacional, em uma turnê a 14 nações. Se viu muito desconfortável ao refletir mais tarde sobre o seu comentário sarcástico sobre a apresentação de um guia ex-presidiário.

Isso a levou há 2 anos antes, quando uma delegação iraquiana apresentou em Beirute um filme sobre os atentados terroristas em Bagdá. Certamente isso doeu. Mas a reação de alguns de seus amigos libaneses era: “Agora eles sabem o que passamos durante a nossa guerra de 1975-1990, quando as suas consciências estavam de férias ... então por que devemos simpatizar com eles agora?”

“É um acúmulo de dores não-cicatrizadas que nos faz ter um coração de pedra?”

“É um acúmulo de dores não-cicatrizadas que nos faz ter um coração de pedra?”, Khoury perguntou a si mesma. “Anos de conflitos, culminando na guerra de Julho de 2006 no Líbano, endureceram os meus sentimentos. Eu preciso confrontar esta verdade e então

engajar em uma jornada de cura interior, tanto por minha causa e por causa dos demais contaminados”.

De fato, nos últimos oito anos, Khoury, com 30 anos, vem construindo seu compromisso com a cura em seu país marcado pela guerra. Por isso ela trabalha como Coordenadora de Serviços à Comunidade na Faculdade Internacional de Beirute, com 600 alunos através de um programa de educação cívica, que atravessa as divisões de conflitos religiosos e comunitários. E por isso ela, de origem católica conservadora, escolheu estudar em um campus muçulmano. Para estudar a lei, porque a lei libanesa - que protege os direitos de cada uma das 18 confissões religiosas para ter suas próprias instituições, as leis de herança, casamento e divórcio - é em si mesma divisão.

No ano passado, juntou-se a oficinas de edição de dois livros sobre a história das religiões do Oriente Médio e no Líbano. “Nossa ambição é ajudar a reescrever uma história libanesa comum, para estabelecer um currículo comum para o ensino de história e civismo”.

Esse compromisso foi semeado há oito anos na Índia. A mãe de Khoury tinha sido parte de um diálogo entre cristãos e muçulmanos, facilitado por IdeM, envolvendo antigos líderes de milícia nos 15 anos de guerra civil. Sentindo precisar compreender aqueles além de seu restrito círculo cristão, Khoury participou por um ano na Ásia do programa Ação para a Vida, de IdeM. “Foi o maior ponto de virada no que se refere a olhar-me de uma terceira dimensão”.



Para começar, as mudanças eram pessoais e não muito fáceis. Percebeu que muitos de seus relacionamentos refletem a falta de uma significativa relação pai-filha. “Meu pai é moral e honesto, um grande homem, de fato, mas não pode se comunicar bem com seus graves problemas auditivos. Além disso, ele não vem de uma família emocionalmente expressiva. “Após dois meses prevaricando, ela escreveu a seu pai dizendo-lhe, pela primeira vez, o quanto o amava, reconhecendo sua paciência com o seu frustrante problema de audição.

Isso criou “um momento de despertar nas relações com toda a família. Mas também ela encontrou-se com estudantes muçulmanos da universidade. “Eu tinha experimentado a mesma frustração entre eles como com o meu pai: não conseguia comunicar meus sentimentos e tê-los entendidos. Era como falar com uma parede. No entanto, quando o muro foi quebrado com o meu pai, tornou-se mais fácil ser quebrado com os muçulmanos”.

Resolvendo usar sua carreira para criar uma história diferente para o Líbano, ela rejeitou uma oferta tentadora para estudar na França, e em vez disso, estudou Direito no campus de maioria muçulmana da Universidade Libanesa, em Beirute. Uma dos 3 únicos cristãos entre 1300 estudantes muçulmanos, ela descobriu “a nova força de escrever essa carta (para o meu pai). Por 4 anos eu aprendi o pensamento muçulmano, entendi o deles e meus próprios preconceitos”.

“A batalha real reside em nos recusarmos a transformar nós mesmos em monstros”

Ela observou o preconceito passado para os estudantes até mesmo por alguns dos palestrantes. Entretanto, com seu pequeno grupo de amigos, ela reconheceu uma sede de verdade. “Nós perguntamos uns aos outros questões muito profundas, haviam muitas conversas honestas inclusive durante os momentos mais difíceis, como depois do assassinato do primeiro-ministro Hariri em 2005, e a guerra de 2006 no Líbano”.

Dias depois a guerra terminou, e ela foi com os alunos ver os edifícios ao redor de sua universidade em Beirute, destruídos pelas bombas israelenses. Mas o trauma mais crítico veio através da morte de um amigo de sua cidade natal Zahle. Michael Jbaily, como parte da equipe da Cruz Vermelha Zahle, estava acompanhando um grande comboio de carros que fugiam dos combates entre israelenses e as forças do Hezbollah. Embora o êxodo fora negociado com Israel e os oficiais da ONU, foram atacados por aviões israelenses. Apressando-se para salvar um homem gravemente ferido, Jbaily foi morto por um míssil MK.

Durante dois meses Khoury não conseguia chorar: nem ao ver seu corpo, nem em seu funeral com sua esposa e família jovem. Embora ela orou: “Por favor

me ajude, porque estou me torturando”, a fúria estava trancada dentro de seus ossos. No primeiro aniversário da sua morte, ela escreveu: “Não importa o quanto eu estou com raiva, entes queridos não vão voltar e lugares destruídos não vão se construir. A pior coisa seria completar a destruição sofrida por Israel no verão”. Como disse um psicólogo libanês na época: “A batalha real reside em nos recusarmos a transformar nós mesmos em monstros”. Meses mais tarde, depois de lutar consigo mesma tarde da noite em oração e então ser cumprimentada de forma inesperada pelo irmão de Michael em uma rua na manhã seguinte, ela quebrou e chorou por horas. Ela entende a morte dele como um sacrifício puro para a paz ressuscitada.

Na África do Sul, ela refletiu sobre suas experiências. “Na minha região, tomar partido é quase uma obrigação. E dentro do Líbano, é uma confissão impondo quase sempre uma filiação política. Mas na África do Sul, talvez pela primeira vez, acho absolutamente impossível tomar partido. Há um número igualmente grande de comunidades e feridos por todos os lados. Não posso deixar de ver o enorme efeito nas diferentes comunidades. Como posso ajudar as pessoas na África do Sul a valorizar sua diversidade, muito mais do que o ouro de suas terras?”.

“Talvez isso tudo seja para me lembrar de toda a riqueza resultante da convivência entre cristãos e muçulmanos no Líbano: a manutenção tanto da liberdade de expressão e de uma vida espiritual, em cada comunidade e no país como um todo.”

Perguntada pelo quê ela ora, responde: “Pelos pessoas de boa vontade, a grande maioria no Líbano, verem o seu trabalho prosperar. Houve um enorme trabalho de diálogo e de reconciliação em curso, e nosso grupo de IdeM é uma pequena parte dele. Eu oro para que nosso trabalho prevaleça para a estabilidade do nosso país, suficiente para os libaneses proibirem a condição do Oriente Médio imposta sobre o Líbano. Mesmo que sejamos um país pequeno e enfrentamos as repercussões à nossa volta, só podemos ter uma tocha nesta região escura se formos fiéis o suficiente”.



Wadiaa Khoury (centro) na África do Sul